

PODERÁ O AMOR VENCER A BARREIRA DO TEMPO?

UMA ROSA PROMETIDA À CORTE

UMA VIAGEM À 1960 DA CIDADE DO WAKU KUNGO
UM SEGREDO OBSCURO.

CONTO
PARTE 2

DE JUVENÁLIA DA COSTA.

AGRADECIMENTO DA AUTORA

Muito obrigada a todos. Amei todos os vossos comentários. São vocês que fazem a história ficar cada vez mais viva. Devo confessar que quando escrevi o primeiro capítulo não pensei que escreveria o segundo por estar focada em outros projectos de livro, mas cada comentário vosso incentivou-me a continuar e não sei, quem sabe não chegamos ao décimo capítulo juntos?

Estou ansiosa para ler os comentários da segunda parte. Um beijão muito grande para todos vocês.

Comentários dos leitores

@Djamila

-Adorei. Olha que já terminei. Estás de parabéns mana.

@Joelse

-Possasssss 🖐

- Como é que termina?

A Weza perdoou o Lombá por ter assassinado o rei?

@Elizandra

-Eu super amei a tua obra literária. Não quero arriscar em deduções, mas torço que o Lombá não se torne em alguém malvado, porque ele já matou o príncipe, espero que a obsessão não o leve a maltratar a sua amada.

@Núria

-Isso não é justo. Tão., mas tão curto. Cade as outras páginas?

Mas eu tenho uma sugestão para o final. Que tal a Weza não ficar com o Lombá, visto que o mesmo matou o Lúcius, ele pode ser preso e como consequência não ficar também com a Weza, para transmitir a importante lição que é importante respeitar os nossos limites e que más ações não podem gerar efeitos positivos.

- Para compensá-lo que tal a amiga da Weza reaparecer como uma ex apaixonada de Lombá e ficarem juntos?

@Jaime

- Adorei o título e o cabeçalho. Logo eu que sou do Waku kungo. Quando será a continuação?

Acredito que os mais velhos ou jovens que sabem da história do Waku kungo vão adorar ler.

Seria mais fácil se o Lombá fosse também alguém importante no futuro ou chefe de outra tribo e não matasse o Rei. Que ele roubasse o amor dele e fossem viver juntos, mas para um reino onde Lúcius não tivesse poder. Estou ansioso para ler a continuação e levar a história até ao Waku.

@Bruna

-Possas, afinal o conto não termina? Não faz isso comigo. Quero terminar, parou numa parte bem interessante. Estou ansiosa para ler a segunda parte.

@Jéssica

-Amei. Lombá grande louco. Hahahaha. Mata o Rei para lhe roubar a mulher. História linda e excitante. Na parte da música me cuiou bué, deu vontade de saber o desfecho.

@Lunder

-Bravooooooooooooooooo!!!!👏👏

Está perfeito! Até já quero a continuação.

O Rei sobrevive e Lombá é desterrado para o Bentiaba. Depois da liberdade Weza deixa o rei e vai ao seu encontro, mas morrem os dois no mesmo dia sem poderem se ver pela última vez. Depois do tiro o amor esfriou? E vai ficar com o rei?

RESUMO

Vingança

Uma conspiração começa a ser criada no palácio. O Waku kungo arderá em chamas e uma morte inesperada dará uma reviravolta surpreendente. A corte não mede consequências quando deseja a cabeça de alguém.

CAPÍTULO 2

– Lúcius! Weza gritou e lágrimas descontroladas lhe caíram sobre o rosto.

Sentia o peito ferido e o coração em pedaços com a imagem de Lúcius caído sobre o chão do altar.

A cabeça já não processava direito, se viu arrastada por uma porta traseira do palácio que desconhecia. Era uma passagem secreta, deserta e completamente escura.

– Vamos, continua a andar meu amor! Dizia Lombá obrigando-a a andar com a arma apontada sobre as costas.

– Não! Eu não irei a lado nenhum contigo. Weza o encarou com muita determinação.

– Não temos muito tempo, anda, vamos! Lombá tentou ignorar aquele olhar felino.

– Matou um rei, meu marido... Onde estás com a cabeça? No que se tornou Lombá?

– Deixa de tolices Weza, não pertence a este lugar. Eu vim salvar-te da maldita corte. Devias agradecer-me.

– Agradecer-te? Só podes estar louco. Deixa-me voltar para o palácio! Sem importar-se com a arma, Weza atirou-se sobre o corpo de Lombá batendo-lhe sem parar.

Lombá segurou a mão direita de Weza com muita força, impedindo uma bofetada no rosto. Ela não parava de se mover em protesto. Com a arma, Lombá bateu sobre a cabeça dela fazendo-a desmaiar subitamente e caindo sobre os seus braços. A segurou pelo colo e saiu pelo enorme corredor.

Weza com os olhos entreabertos e a cabeça dorida viu dois homens de preto carregando-a para um carro preto e deitando-a sobre a parte traseira. Sentiu cheiro de terra úmida e do verde das plantações. Queria ver mais sobre a janela, mas a cabeça estava zozna e a dor no corpo fez-na cair novamente num sono profundo.

No palácio

O João III, pai do rei Lúcius reuniu-se com todos os membros da corte real e representantes das cidades de todo o Kwanza Sul na ampla sala de reuniões onde costumava resolver situações de extrema importância. Naquele momento discutiam sobre Lombá e como seria morto. Queriam a cabeça dele sobre aquela mesa e era urgente que o encontrassem.

– Quero a ficha completa deste músico de quinta! O João III falava enquanto girava pela sala mostrando-se impaciente.

– Majestade tem aqui a ficha completa. Quando o contratamos para cá vir investigamos-lhe.

– O que diz este papel?

– É um cantor conhecido por toda Loanda...também...

– Isso já se sabe. O que mais? – Cortou-lhe o Rei.

– De acordo com a investigação, casou-se com Magda Ulica, viúva do agricultor Maneco Ulica. A velha morreu há dois anos e Lombá ficou com toda a sua fortuna. Depois da morte da velha, Lombá comprou uma boa parte das nossas terras e ficou com mais três fazendas da velha. O homem agora é poderoso e possui muitos contatos e goza de boa influência por toda Loanda. Não creio que vá se esconder porque ele tem agora um exército que o protege.

– Não importa que influências o desgraçado tem. Deu um tiro no meu filho e levou a minha nora com ele. Debaixo dos meus olhos, como isto é possível? Como é que conseguiu escapar?

– Cumprimos com todos os procedimentos de captura, majestade, fechamos todos os portões, não deixamos nenhuma alma viva passar pelo palácio. Cercamos todas as estradas. Falou o comandante.

– Mas isto é o cúmulo. Eu gasto milhões para a segurança deste reino, como é que os teus homens não conseguem encontrar um cantor de quinta categoria?

– Desapareceu como um fantasma, provavelmente teve muito tempo para preparar este ataque.

– Mas vamos encontrá-lo custe o que custar! Minha filha não pode ficar nem mais um segundo perto daquele vagabundo. Os meus homens já estão a procurar por todas as propriedades dele. Disse o pai de Weza vaidoso.

– Como soube que tem propriedades por aqui? Pergunta muito admirado o chefe de segurança para Terêncio Rosa com um olhar desconfiado.

– Um homem na minha posição tem que estar bem informado. Eu mesmo o expulsei dessas terras por pretender a minha Weza, agora sua rainha.

Terêncio e o chefe de segurança pareciam não entender-se naquele ponto de tal modo que João III teve que intervir.

– Pouco importa quem soube primeiro. Ordeno que se coloque fogo em todas as propriedades que tiver em todo Waku kungo!

A sala ficou em silêncio total, mas João III não hesitou e continuou:

– Queimem tudo. Vamos ver se não aparece.

– Maj... Majestade, não pensa que é uma atitude um tanto quanto extremista? – Falou o administrador de uma das cidades vizinhas.

A tensão encheu a sala por completo, alguns membros estavam de acordo com o Rei e outros não, mas o Rei João III não queria saber de opiniões naquele momento. Estava furioso e com o espírito de vingança estampado na testa.

O administrador do Seles fazia parte do grupo que discordava da ordem do Rei João III de queimar todas as propriedades de Lombá. Encheu-se então de coragem e perante todos disse:

– Já pensou se a sua nora, a rainha, não estivesse combinada com o jovem cantor?

Em questão de segundos, o Rei João III aproximou-se do Senhor Ricardo que estava sentado na ponta direita da mesa e agarrou-lhe pelo colarinho fazendo-o levantar para encará-lo.

– Limpa essa boca imunda quando for falar da minha nora, seu velho nojento. Arranco-te a língua agora mesmo! Fitou-o com raiva apertando com mais força e impedindo-o de respirar.

– Desculpa-me majestade! Ricardo sentiu toda raiva do Rei em seu pescoço custando-lhe a respiração. Restando-lhe somente a redenção implorava que fosse solto.

Ninguém se moveu para ajudá-lo, pois João III estava furioso e podia arrancar a língua de quem se pusesse à frente.

Quando João III viu os olhos de Ricardo quase fechando e a vida a esvaecer sobre as suas mãos, soltou-o imediatamente com força para o chão. Assustado afastou-se rapidamente e disse:

– Da próxima nem um olho terá para ver a luz do dia! Contorcendo de dor com a mão à garganta, Ricardo precisou da ajuda de dois seguranças para pôr-se e novamente em pé.

– Como já havia ordenado quero que queimem agora mesmo toda e qualquer propriedade daquele maldito cantor! Virou-se para todos.

– Espero que mais ninguém ouse levantar-se contra mim ou em qualquer outro membro da família real! Preciso que deixem a sala. Saiam! – Ordenou.

Todos os membros da corte saíram tal como o João III ordenou. Insatisfeitos, mas puseram-se aos murmúrios na outra sala sobre as ordens do antigo Rei.

Terêncio Rosa tomava partido da conversa contestando que João III já não era Rei daquele reino, mas sim seu filho que não sabiam do estado ao certo.

– João III deixou de ser Rei deste Waku Kungo quando entregou a coroa a Lúcius. Olhou para todos com atenção, persuadindo-os a acompanhar a sua linha de pensamento.

– Entretanto, estando Lúcius morto ou inconsciente, a coroa passa para sua esposa. Bem sabemos que nunca nenhuma mulher assumiu a coroa. Minha filha reinaria ou um herdeiro que igualmente sabemos que não há.

– Aonde quer chegar com isto? Ser governado por uma mulher, isto é um absurdo Terêncio! – Disse Ricardo ainda com as mãos sobre a garganta.

– Entenda, João III não tem condições de governar-nos, vimos agora mesmo na outra sala quando desrespeitou Ricardo perante nós.

– Mas ele só queria defender a honra da sua filha Terêncio. – Disse o chefe de segurança que cada vez mais se incomodava pelo discurso de Terêncio Rosa.

– Vocês não vêem que ele só tem a cabeça no filho, ele não defendeu a minha Weza, foi a Lúcius que defendeu. Sugiro que se faça uma votação para um Rei interino antes que Lúcius ou Weza voltem. Estamos a lidar com um inimigo muito perigoso, que conhece as nossas terras como ninguém e pior, as nossas fraquezas.

– Isso lá é verdade. Precisou conhecer muito bem o palácio para passar pela nossa segurança. Quem sugere como Rei?

– Eu! Conheço muito bem o nosso inimigo e também tenho alguns contatos por Loanda que pode dar-nos vantagem.

– Quem mais gostaria de se candidatar? – Perguntou o chefe de segurança.

Ninguém mais respondeu.

Weza entreabriu os olhos devagarinho e olhando em volta, viu-se deitada sobre uma cama enorme coberta por lençóis brancos de seda, o quarto era completamente branco desde o cortinado até os móveis. A cabeça doía muito e ainda vestia a roupa que Lúcius havia encomendado para ela. Naquele exacto momento passou-lhe a recordação daquela tragédia. O que teria acontecido a Lúcius? Como estaria? Estava morto? Levantou-se imediatamente, tinha que ter respostas. Quem Lombá pensava que era para lhe roubar da corte daquele jeito?

Aproximou-se da janela e o que viu a surpreendeu, era uma vista maravilhosa. Um quintal enorme completamente verde e rodeado por árvores grandes e coberto por rosas vermelhas que o enfeitavam. Seduzida pelo aroma de Rosas desabrochando pela manhã cinzenta, desceu as escadas procurando por Lombá. Chegou até a porta de entrada onde viu Lombá vestido com uma legging preto, descalço e sem camisola, como se tivesse acabado de exercitar o corpo. Brincava com um cão branco muito parecido ao pirata que se lembrava. Lombá parecia estar tão à vontade e feliz naquele instante que Weza sequer viu o monstro que tinha acabado de destruir a sua vida e do seu Rei.

– Lombá?

Lombá olhou para Weza com adoração, estava feliz e isso se podia ver a milhas de distância.

– A nossa Rosa acordou, vamos cumprimentá-la. O cão saltou para os pés de Weza aos pulos, como se já a conhecesse. Weza ficou estática perante aquele momento mágico em que os seus olhos encontraram os de Lombá que transbordavam paixão e adoração.

– Que lugar é este? – Reparava em tudo em volta procurando por um portão.

– A nossa casa. Gostas?

– Estás louco! Preciso voltar para a corte agora mesmo! Lúcius precisa de mim. Via apenas enormes árvores por todo o lado, como se estivessem no meio da floresta.

Lombá aproximou-se e com a parte superior dos dedos tentou acariciar o seu rosto, mas Weza evitou aquele toque em protesto.

– Esta é a sua casa agora! – Disse-lhe irritado.

O pequeno gesto de rejeição irritou Lombá de tal forma que se abaixou para segurar na bola do chão e atirou-a para longe e o cachorro correu para alcançar.

– Tenho que voltar para o palácio, Lúcius precisa de mim. Como... como ele está? Lágrimas descontroladas caíram-lhe imediatamente sobre o rosto. O que fizeste? Como está Lúcius? Gritou!

Lombá olhava para ela com tristeza. Era um golpe muito duro para aquele coração que prometeu amar àquela mulher para sempre e que tanto fez para recuperá-la.

Vê-la chorando por outro estava a destruí-lo, mas não perdeu a pose evitando que ela o visse destruído.

– Porque chora por ele? Também chorou assim por mim quando saí do Waku Kungo?

Por mais que quisesse disfarçar, a sua expressão facial e aquelas palavras denunciavam o ciúme que sentia e o quão destruído estava. Weza apercebeu-se logo, mas não tinha tempo para perder com aquela cena.

– Tu só podes estar louco. Não sabes o que dizes. Deixa-me ir embora daqui.

Weza enfrentou Lombá furiosa e pôs-se logo a correr pela floresta procurando uma saída.

– Weza espera! – Gritou.

Conhecia muito bem aquelas terras e seria fácil encontrá-la, mas precisava avisá-la da chuva que estava por vir.

– Weza! – Gritava, mas ela continuava a correr como uma fugitiva. Os seus homens tentaram correr ao encontro dela, mas Lombá fez sinal que parassem porque queria encontrá-la sozinho.

Weza queria apenas achar uma saída e fugir daquele lugar. Queria muito saber sobre o estado de Lúcius, queria estar com ele naquele momento para cuidá-lo e ajudá-lo tal como cuidou dela aqueles anos todos.

Sempre pensou que pertencer à corte fosse chato, aborrecido e uma prisão sem volta, e era. Mas com Lúcius era diferente, tinha outro sabor. Fê-la ver o contrário mostrando-lhe os privilégios que a corte oferecia amando-a e respeitando-a incondicionalmente. Estava assustada, sem fôlego e correndo sem parar procurando uma saída, um escape daquilo tudo.

De repente veio a chuva forte caindo-lhe sobre o corpo. Estava cansada de correr no meio do nada sem saída. Encostou-se sobre um imbondeiro, cruzou os braços encolhendo o corpo para não se molhar e pôs-se a chorar. O que diabo estava a acontecer com ela? Sentia o peito a doer como se lhe tivessem passado uma bala ali, doía muito. Doía tanto que lhe faltava o ar. Mas como podia não odiar o causador daquela dor?

– Weza? Finalmente encontrei-te.

Lombá chegou-se a ela ajoelhando-se sobre a terra molhada tocando-lhe o joelho de raspão. – Vamos. Se não apanhas um resfriado. Esticou a mão direita para oferecer ajuda.

Weza engoliu em seco admirando aquele corpo nu molhado na sua frente. Por que diabo estava a sentir-se quente por dentro, como se estivesse a ser eletrocutada por um raio de luz em chamas? Estava confusa, dorida e muito cansada para assimilar tal reação corporal, então afastou Lombá do seu caminho levantando-se para fugir o mais rápido possível daquilo.

– Não conheces o caminho, segue-me. – Ordenou Lombá.

– Não! Eu não vou contigo para lugar nenhum.

– Deixa-te disso. Não tenho tempo para perder. Lombá mostrou-se irritado e impaciente novamente coçando o cabelo como sempre fazia, um gesto que fez Weza recordar-se do Lombá que amou como uma tola. Eram poucas as vezes que via Lombá daquele jeito porque o Lombá que conhecia há anos atrás era diferente, era paciente, compreensivo e muito positivo e o que mais amava: era sonhador.

Weza continuou a caminhar na direção que bem quis para provocá-lo, não conhecia o lugar, mas também não lhe daria o gostinho de ordená-la que fosse onde quisesse que fosse. Andava mais rápido para que Lombá não a alcançasse, mas Lombá não a acompanhou no joguinho de desobediência. Quando Weza virou-se para ver onde estava Lombá, pisou em falso sobre um tronco e quando ia cair, num ápice o seu corpo estava deitado sobre aqueles braços fortes e molhados.

Naquele momento pode sentir o corpo todo tremer e raios de faíscas sobre o corpo inteiro. Lombá encostou a boca sobre a dela guiado por uma força maior do que ele que implorava que a beijasse imediatamente, mas não o fez. Segurou-a sobre o colo e seguiu caminhando em direção a casa grande.

– Pelo que vejo, o Rei não te ensinou a obedecer aos homens.

Ela não mais protestou, estava tonta e confusa para assimilar tudo aquilo.

Já tinham passado tantos anos desde a última vez que se viram naquele quartinho de confissões da igreja do padre Bendito. Estar sobre aqueles braços estava a ser um tormento,

porque o formigueiro da paixão estava mais aceso que nunca, atormentando cada fibra do seu corpo. Weza imaginou milhares de vezes e de diferentes formas aquele reencontro de corpos e alma, mas em nenhuma delas viu-se tão excitada, arrepiada, quente e tão dele. Naquele momento seria capaz de fazer qualquer coisa que Lombá ordenasse, por isso decidiu calar-se e fechar as pernas com a máxima força possível.

Não levaram mais de trinta minutos para chegar até a casa grande debaixo daquela chuva forte porque Lombá conhecia muito bem aquelas terras. Há menos de dois anos que começou as obras naquele lugar, era o seu esconderijo mais que secreto quando quisesse ficar longe da cidade grande e das Mídias.

Construiu aquela casa praticamente sozinho para evitar que fosse encontrada por questões de segurança. Devido a algumas influências que conseguiu em Loanda conseguiu que tirassem aquela propriedade do mapa e da lista dos bens que possuía por todo o Waku kungo.

Podia conseguir uma casa onde quer que fosse, mas preferiu o Waku kungo porque era a sua casa, onde nasceu e cresceu até tornar-se um músico conhecido por toda Angola.

Quando chegaram na casa grande um dos seguranças de confiança de Lombá fez sinal que queria falar com ele e pareceu urgente.

– Dá-me quinze minutos, Tchivala e chame Evalina para que veja o pé da senhora.

– Sim, senhor. – Chivala obedeceu o chefe e desapareceu pela sala.

Lombá subiu com Weza até ao quarto dela e deitou-a sobre a cama. Em seguida dirigiu-se para o banheiro tirando toalhas e cobriu-a para que não apanhasse um resfriado.

– Evalina cuidará de ti. – Afastou-se observando o pé com cuidado.

– Onde vais?

– Vou para o meu quarto. – Disse coçando a cabeça novamente.

– Este não é o teu quarto?

– Também. Mas agora é seu e não se preocupe, não a incomodarei mais com a minha presença. Logo trarei as respostas que tanto precisa.

Com o olhar tristonho, Lombá dirigiu-se para a porta, segurou na maçaneta e virou-se para ela. – Trata de ficar melhor logo. E saiu.

Weza ficou de boca aberta porque cada vez entendia menos Lombá. O que raio queria com ela? “Pensou”

Em seguida entrou Evalina e a ajudou com o banho. Tomou um banho quente na enorme banheira de madeira. Evalina era uma senhora de idade muito simpática, amável e muito carinhosa. Levou-a escolher outra roupa em um dos quartos à direita do corredor. Escolheu um vestido

castanho que lhe assentou na perfeição, toda a roupa e calçados serviram-na como se fossem feitas exclusivamente para ela. Surpreendeu-se com aquilo e quando perguntou para Evalina ela explicou-lhe que foi orientada para não falar sobre o assunto, mas garantiu-lhe que a sua função era cuidar de Weza e de tudo que precisasse. Evalina naturalmente sabia que ela era uma mulher da realeza porque a tratava como tal.

Weza decidiu não fazer mais perguntas e simplesmente observar o que tinha em volta. Comeu no quarto por causa da dor que tinha no tornozelo. Evalina tinha usado algumas ervas e passou uma ligadura mais cedo, mas a dor persistia.

O céu fechado e aquele clima de chuva forte deixavam-na confusa sobre as horas, mas já se tinha passado algum tempo desde que viu Lombá e calculou logo que seria um pouco tarde e decidiu caminhar um pouco pela casa, porque já estava aborrecida de ficar dentro daquele quarto como uma prisioneira. Não chamou por Evalina e continuou a andar pela casa. Reparava nos quadros e nos móveis, gostou de um quadro em particular, quando avistou imediatamente aproximou-se dele querendo entender o que queria dizer a imagem. Era a imagem de um homem que parecia estar amargurado de dor, com a cabeça para baixo e sobre a mão direita um copo raso de uísque sentado sobre um bar e várias mulheres em volta que imploravam pela sua

atenção. Era intenso, maduro, vivido e que a hipnotizou por alguns minutos. Uma lágrima lhe caiu sobre o rosto.

Weza também pintava e os seus trabalhos eram apenas sobre a natureza, animais e plantas, nunca tinha estado perante um quadro tão intenso, tão humano e profundo. Olhou para o canto inferior direito do quadro e viu assinado por: - Isilda Cosme. Por ser uma mulher perguntou-se se Lombá a conhecia e talvez fossem íntimos. Pelo que via nas revistas dos famosos, Lombá tinha muitas namoradas e muitos fãs por todo o país e também algumas vezes que saiu do país havia rumores de que estaria noivo de uma cantora Moçambicana, Lira Nhangumele. Quando ia sentar para descansar o pé ouviu vozes por uma sala que desconhecia e decidiu aproximar-se quando reconheceu a voz de Lombá.

– O que mais? – Ouviu a voz fria de Lombá no fundo.

– Atacaram todas as nossas fazendas, perdemos todo o gado e morreram famílias e crianças inocentes! Perdi irmãos hoje, Lombá, e tu pareces não te importar com isto. Se não fosse a chuva, estavam todos queimados e mortos agora.

– Estávamos preparados para o contra-ataque do palácio, mas quem diabo podia imaginar que seria com fogo? E os homens do Terêncio não foram suficientemente inteligentes para avisar-nos. Eles pagarão com a própria vida por isso!

– Chega de mortes!

– Aquele velho traidor pagará com a vida por todo sangue derramado hoje!

– Até onde irá com esta vingança? Tudo isto por causa da filha de um homem ambicioso que só tem olhos no poder. Por quanto pagou por Weza?

Lombá agarrou com força no colarinho do amigo, Chivala, quando ouviu aquele último insulto. Chivala tinha razão sobre muita coisa, mas não tinha o direito de desrespeitar Weza na sua frente. Nunca o admitiria.

– Nunca mais...

Quando ia terminar a frase entredentes, Weza abriu a porta da sala com lágrimas nos olhos e os seus olhos fixaram os de Lombá que a olhava admirado, envergonhado e preocupado. De imediato largou o colarinho de Chivala. – Weza?

– Meu pai sabe que estou aqui? Perguntou sem medo. O que ouviu foi suficientemente forte para magoá-la.

– Não! Lombá respondeu calmamente.

– O que vocês querem de mim? Dinheiro? Título? – Leva-me de volta para o palácio que eu prometo dar o que me pedirem em troca.

– O quê?

Continua...

PAY IF YOU LIKE

A escrita é uma maneira de apreender a realidade interna do ser-no-mundo assim como o seu contexto histórico e social. Para isso, há que se ter uma apreensão estética e um sentimento de empatia com a humanidade. Quando escrevo, mergulho no mais profundo dos meus pensamentos e sentimentos. Vivo cada momento, cada detalhe, como se pudesse realmente entender cada personagem descrita.

Dessa arte, que tanto amo e entrego-me de corpo e alma, não ganho o meu alimento, mas me contento por saber que alguém a consome. Porque a minha arte, é tão importante quanto as outras, julgo ser tão importante quanto a música, a pintura, bandas desenhadas e outras.

Como apoio à toda arte disponibilizada gratuitamente, a **PAY IF YOU LIKE**, traduzida como **“PAGUE SE VOCÊ GOSTAR”** surge como um meio-termo entre artistas e consumidores. Você não precisa de viver insatisfeito por ter comprado um trabalho ou producto de baixa qualidade, igualmente não pode deixar de apoiar e incentivar os artistas do seu país que se dedicam nesta e outras artes, tanto de dentro como de fora.

Não há preço nem exigências, esses modelos podem eliminar o medo de um produto valer um determinado preço definido e o risco relacionado de decepção. Pague apenas o que estiver ao seu alcance porque nenhum dinheiro dado de boa intenção será pouco, e na ausência de apoio financeiro, você estará a ajudar o artista a ir mais longe, partilhando com pessoas que podem pagar pelo consumo, ou então apoiar com entrevistas na rádio, televisão ou outros meios de visibilidade para a voz do artista ecoar pelo país e pelo mundo.

Você só precisa parabenizar os artistas pela qualidade e incentivá-los a serem melhores nos próximos trabalhos. Apoie a arte nacional e pague pelo que gosta.

CHAMO-ME JUVENÁLIA DA
COSTA, SOU FORMADA EM
ENGENHARIA DE PETRÓLEO.

DEDICO-ME A ESCREVER LIVROS
POR SER APAIXONADA PELA ARTE.

AGRADEÇO A VOCÊ POR TER LIDO
MAIS UMA HISTÓRIA AQUI.

PAGUE SE GOSTAR, É
LIGUE SE PUDER AJUDAR!



Contacto: 924 432 671

Conta: 104573824 10 001

IBAN: AO06.0040.0000.0457.3824.1019.6